

TEMPOS VOLÁTEIS E AÇÕES: MUDAR, ADAPTAR-SE, VENCER.

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

*“Seja a mudança que você
quer ver no mundo”.*
Gandhi

Somos forçados a aceitar na lógica da vida, um fato que independe de governança ou de boa vontade: é o tempo, com seu peso e indiferença, que nos dá limites, desde o nascimento à morte. O tempo individual é finito, permitindo nesse espaço de vida o convívio com um constante processo de mudanças. Sem elas não há progresso, pois são a prova da inteligência, assim como a adaptação a elas é o outro lado do progresso. Mesmo que as vezes a mudança não seja crescimento ou não seja andar para frente, o processo busca, sempre, um novo patamar.

Quando manejando um barco a vela o homem sente a mudança dos ventos, ajusta as suas velas; quando a divindade planejou as árvores, deu a elas a flexibilidade de se curvarem aos ventos fortes.

O tempo, como agente que incansavelmente acompanha as mudanças, é o único que não muda por causa delas. Mas não as dificulta, como processo e não nos perdoa se não as percebemos e nos ajustamos à nova realidade.

O Brasil tem sido muito avaliado e sempre se olha para os temas onde, em teoria, mostra liderança: Futebol, samba, carnaval, açúcar e outras commodities são os grandes vetores de força do Brasil. No Brasil, como sempre e em todo lugar, estão todos esses setores em diferentes processos de mudanças.

O futebol não foi inventado pelo Brasil e o açúcar veio da Indonésia. Foram implantados aqui e sobrepujaram seus inventores. Tornaram-se referência e, nesses campos, o Brasil virou marca de competência. Afinal somos 5 vezes campeões nacionais no futebol e somos 50% do comércio internacional de açúcar.

As pessoas e as empresas reagem de formas distintas. Quando, segundo Érico Veríssimo, “os ventos das mudanças sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento”. Vamos ao caso brasileiro: Os resultados atuais do Brasil no futebol e no campo do açúcar são decepcionantes, intrigantes e, ao mesmo tempo, de difícil definição. São tão grosseiramente negativos que não permitem fácil explicação.

Escrevo essas linhas no stress “Copa do Mundo” pós jogos do Brasil contra Alemanha e Holanda, talvez ainda chocado com a realidade dos jogos, com os sete gols tomados pelo time do Brasil da Alemanha, pela incapacidade de reação mas, principalmente, pela desorganização em campo e a clara falta de opções de estratégia e operação. Independentemente das inseguranças do time, suas fragilidades e temores, a equipe que representa o país, foi torturada, diminuída e levada a ocupar o seu real posicionamento nesse esporte! Não se trata de olhar o passado e glórias obtidas: trata-se de sentir o presente e buscar o futuro; não se trata de buscar os culpados, mas de observar os “porquês”.....

Em 1970 o Brasil tinha o melhor time de futebol do mundo mas não era competitivo no açúcar e, dois anos depois, estruturou o seu sistema produtivo canavieiro que se tornou, em 10 anos, o mais competitivo produtor do mundo! Após trinta anos, o Brasil perdeu a sua competitividade no futebol enquanto a sua vantagem sobre os competidores no setor açúcar foi brutalmente reduzida!

Não há entre o futebol e o açúcar algum tipo de correlação. São mundos sem ligação. Mas que estranha coincidência..... Ambos os mundos nos frustram, estressam e causam uma desagradável sensação de vivermos em um tipo de armadilha. Afinal, os jogadores do Brasil são estrelas internacionais e o açúcar brasileiro é, ainda, o mais competitivo. Então como avaliar isso?

No futebol, fica claro a incompetência da gestão do modelo de jogo. Nesse caso, a arrogância do que foi, no passado, levou ao imprevisto, ao não reconhecimento do processo de mudança global no futebol. No campo açucareiro, a incompetência da gestão das políticas públicas, com a arrogância de se instalar uma nova matriz econômica, levou o governo a buscar improvisos de impostos, escolha de “setores-campeões”, a investir em consumo e a não valorizar a produção.

O peso da incompetência, que em teoria consagra-se nos péssimos resultados, esconde-se, no entanto, no jeitinho brasileiro de esquecer, de substituir emoções, de buscar novas aventuras. Os sete gols dos alemães contra um do Brasil, no futebol, equivalem à inflação de 7% em 2014 no Brasil e ao crescimento da economia brasileira de 1% ao ano! Um só! Quem sabe com isso acabamos de criar uma relação entre futebol e economia ! Somos, no singular (um), o que outros são no plural. E vamos com uma só política (bolsa-eleição) e um só futebol (primário).

O peso da incompetência tem, também, uma só solução: substituição! No futebol, troca-se o modelo de jogo com a substituição do técnico; na política, troca-se o modelo de gestão com o voto. Tão simples como isso é a complexa transição do processo de mudança. A obrigação do sistema gestor está nas ações de curto prazo visando o longo prazo através de um processo de racionalização, com base em diagnóstico, visão do que se deseja e implementação operacional. Seja no futebol ou no processo de governo, é o mesmo. O que não combina com isso, em uma ou outra área é a venenosa malícia ou interesse político, que corrompe o racional, se escora no imoral e se veste de vestal. Demora um tempo razoável para que muitos descubram o engano que poucos planejaram. E esse tempo chega, quando nos envergonhamos, como país, dos resultados que temos.

A cana-de-açúcar tem seus tempos. Ao se aproximar do outono guarda energias para enfrentar o inverno na forma de açúcares. O homem retira-os economicamente na safra; a competição, no futebol, nada mais é do que a demonstração do talento, da força e da organização. O homem os aprecia, torce e distorce a beleza do esporte, sofrendo com as derrotas, ou valorizando demais os talentos, também no tempo de um jogo.

Enquanto a qualidade da cana se deprecia, no tempo, a qualidade do futebol se perde na força excessiva no tempo. O açúcar gera as energias que são gastas pelos atletas no jogo.

Quanto à política, na democracia, há em teoria a busca da igualdade no tratamento. Na prática, diferentes igualdades, que mantenham o poder dominante com a maioria. No fato, atuando com quem gere mais votos. Igualdade, no esporte, se derruba com o talento. Na política, com o processo de poder.

O mundo passa por transformações impressionantes. Os exemplos de sucesso não são mais os mesmos e as medidas de maior valor também mudaram. Ser competitivo, no entanto, é o caminho imutável.

O Brasil é o maior sucesso no agronegócio, entre eles o açúcar. É grande sucesso em carnaval e em futebol, mesmo depois dos sete a um..... continuará sendo assim desde que haja mudança!

Disse Gandhi que “se quisermos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova”. No esporte, o caminho é a modernização dos clubes, a escolha de técnicos no estado da arte do futebol, modelos de planejamento e métodos que se somem ao talento natural do brasileiro. No açúcar e no etanol, irmãos siameses, valerá a visão de proa, de mercado, não a visão da popa, dos preconceitos e concepções estatistas. É preciso na nova história a ser construída, em ambos os campos, a concepção do peso ou da grande importância do Brasil, como um país inovador e inspirador das outras nações. Que a nova história do futebol comece no simples ato da escolha correta; na do açúcar, no voto pesado.